

ESPAÇOS EDUCACIONAIS E OS CORPOS TRANS: TECNOLOGIA DE PERSPECTIVAS E MODOS DE EXISTÊNCIA (TRANS)AFIRMATIVOS

Alexandre Luiz Polizel¹

Fabiana Aparecida de Carvalho²

Resumo: Este manuscrito objetiva apresentar considerações acerca da tecnologia (da expropriação de perspectiva) e tecnologias de resistências que atravessam os corpos trans em suas trajetórias pelos espaços de ensino. Tais explanações são lançadas a partir dos relatos *autoheterobiográficos* de duas estudantes que se (auto)identificam como trans, formadas em cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Sul do Brasil. Na produção dos relatos narrativos *autoheterobiográficos*, realizamos uma hermenêutica com inspirações no referencial teórico de Michel Foucault. Vemos a tecnologia das perspectivas como uma produção nos modos de ser, estar e existir. Essa tecnologia opera no espaço escolar, expropriando perspectivas do futuro, esgotando a possibilidade de ocupar espaços de poder, ou, expropriando perspectiva do presente-passado. Em ambas as operações são atribuídas posições de sujeitos específicas aos corpos trans, seja na rua, na criminalidade e drogalização, ou, em uma trajetória exemplar espelhada em comparações com familiares. Ambas as pessoas trans apresentaram tecnologias de resistências centradas em uma (trans)afirmação de seus modos de existir e que convergem a um operar similar: a desocupação de espaços instituídos e determinados aos seus corpos pelas tecnologias de poder e a ocupação de espaços que lhes eram negados.

Palavras-chave: Travestis; Modos de existência; Tecnologias de poder; Tecnologias de resistência.

Abstract: This manuscript aims to present considerations about the technology (from the expropriation) of perspective and technologies of resistances that cross the trans bodies in their trajectory by the educational spaces. These explanations are based on the *autoheterobiographic* accounts of two students who self-identify as trans, graduated at the State University of Maringá, Paraná, Southern Brazil. In the production of the *autoheterobiographic* narrative narratives, we performed a hermeneutic with inspirations in the theoretical reference of Michel Foucault. We see the technology of perspectives as a production in the ways of being, being and existing. This technology operates in the school space, expropriating perspectives of the future, exhausting the

¹ Licenciado em Ciências Biológicas (UEM); Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário de Araras; Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEL). Membro do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações.

² Licenciada em Ciências Biológicas (UNESP); Mestre em Educação (UNICAMP); Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática (PCM/UEM); Professora Assistente do Departamento de Biologia (UEM).

possibility of occupying spaces of power or, expropriating perspective of the present-past. In both operations, specific subjects' positions are attributed to trans bodies, be it on the street, crime and drug trafficking, or in an exemplary trajectory mirrored in comparisons with relatives. Both trans people presented technologies of resistance, which centered on a (trans) affirmation of their modes of existence, which converge to a similar operation: the vacating of spaces instituted and determined to their bodies by the technologies of power and occupation of spaces that were denied them.

Keywords: Transvestites; Modes of existence; Power Technologies; Resistance technologies.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O presente trabalho consiste num recorte decorrente da investigação maior intitulada: “Histórias, violências e desalojares: A trajetória de LGBTs nos espaços de ensino”, realizada no ano de 2016, que discutia a visibilização dos discursos e trajetórias de pessoas LGBTQIA³ em seus processos de escolarização, especialmente, com o intuito de expor as violências epistêmicas que seus corpos e saberes vivenciaram nas escolas. Neste artigo, no entanto, objetivamos apresentar considerações acerca da “tecnologia (da expropriação) da perspectiva” e tecnologias de resistências que atravessam os corpos de pessoas transgêneras (trans) em suas trajetórias pelos espaços de ensino, perguntando-nos quais perceptos de violências atravessam e subjetivam um corpo trans nos espaços de ensino, e refletindo, por conseguinte, sobre suas expectativas e perspectivas de vida.

Como sujeitos trans, consideramos a autoidentificação das pessoas participantes na pesquisa com essa categoria identitária, generificada e sexual; e, por efeito de terminologia, a acepção que abarca travestis, transexuais e transgêneros. Sobre esse aspecto, Berenice Bento (2008) aponta a transexualidade como uma categoria identitária na qual a pessoa se reconhece como pertencente a um gênero que não opera na linearidade “sexo-gênero”, ou, cisnormativa, conforme a designada pelos discursos médico-psiquiátricos

³ Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneras, Queers, Intersexuais e Assexuais.

aos nascimentos das pessoas. Assim, as trans, via a ética do reconhecimento identitário, borram as fronteiras binárias do gênero ao transitar por diversas identificações e pela construção cultural de seus corpos.

Outrossim, consideramos os espaços educacionais como localidades de produção de sujeitos, de subjetivação e de produção de epistemes, ou seja, como lugares de produção de saberes e dizeres sobre os corpos. Para Foucault (2014), a escola sempre se encarregou de disciplinar os corpos no tocante à organização do tempo, do espaço, das disciplinas e das veiculações de verdade e saberes eleitos como formativos, muitos dos quais, diga-se de passagem, não se voltam apenas à formação de profissionais qualificados, mas, sim, estão direcionados para a construção de uma participação social que ajusta condutas, posturas, modos de ser valorizados pela normatividade vigente.

Nesse sentido, muitos dos regramentos escolares perfazem maneiras de existir e de se situar no mundo, principalmente, a partir de quadros de referências que funcionam como dispositivos e enunciados a constituírem estatutos de verdade, saberes considerados, a condição de normalidade ou de patologia, as sexualidades e os gêneros inteligíveis e as sexualidades e os gêneros dissidentes socialmente. O constructo desse quadro respalda-se, grosso modo, na ideia de tornar natural o que não é natural; dito de outra maneira: arregimenta uma ordem essencial ou universal para todas as pessoas e invisibiliza e apaga os corpos que não cedem ou destoam das regras de disciplinarização (FOUCAULT, 2015; 2014; BUTLER, 2015; DELEUZE, 1976), assim naturalizando, por exemplo, as violências, os preconceitos, as representações e os comportamentos fóbicos direcionadas às pessoas LGBTQIA.

Em suma, o disciplinamento consiste, pois, em movimentos que valoram, intensificam e ampliam determinados modos de ser e estar no mundo, em detrimento de outros. Assim, muitos corpos são formatados, chamados a se desenvolver e a atuar de acordo com normas estruturadas, modos de produção de subjetivação-sujeição que compõe as de tecnologias de poder (FOUCAULT,

2015; 2014) e o quadros de referências discriminatórias responsáveis por propagar, compulsoriamente, os ordenamentos sociais.

Essa incidência de poder sob o corpo, aplicada via tecnologias, não é, sobremaneira, absorvida em sua totalidade, uma vez que o próprio corpo apresenta tecnologias de resistência que negociam, fraturam, deslocam, esfacelam e contestam o poder e a verdade que estão direcionados às pessoas dissidentes (FOUCAULT, 2015; 2014; BUTLER, 2015). Assim, as tecnologias de poder e de resistência encontram-se, tracionam-se e compõem outras tecnologias, dentre elas, a tecnologia das perspectivas para a vida.

As tecnologias das perspectivas consistem em uma composição híbrida envolvendo as negociações dos corpos, das éticas pessoais junto às tecnologias de poder e de resistência. Essa tecnologia opera no espaço escolar, expropriando perspectivas do futuro, esgotando as possibilidades de ocupar outros espaços e de experienciar outros modos de existir. A mesma emerge das próprias narrativas dos corpos que se fizeram em relatos dessa pesquisa sendo, portando, uma composição dual de poderes-resistências.

Vale ainda pontuar que as tecnologias de poder encontram-se engendradas em um dispositivo histórico de sexualidade, sendo lógicas de um quadro de referência (cis)heteronormativo (COLLING, 2015), operante na produção de corpos que deveriam – suposta e direcionadamente pelas instituições sociais – performar gêneros binários, afetividades heterossexuadas e imperativos biológicos calcados ao nascimento. Assim sendo, a performatividade cultural (BUTLER, 2003) dos signos e das sexualidades lésbicas, bissexuais, gays e trans são consideradas desvios de um código de normalidade, ou, até mesmo, como anormalidades a serem abolidas, sob a justificativa de um código moral, da cena e do convívio público social.

Sob essas premissas, tensionamos algumas inquietações e somos, também, movimentados por elas... Assim, se as escolas consistem em locais de ajustamento de condutas, sendo, no mesmo interim, espaços formativos pautados em quadro de referências, como as pessoas dissidentes são atravessadas e negociam com as tecnologias de poder que lhes violentam nesses espaços? Até onde as investidas dessas tecnologias são disciplinares

ou violações? Como os corpos dissidentes ou desviados podem se tornar afirmativos?

Respostas provisórias, considerações sobre as vivências trans, efeitos das violências, narrativas de enfrentamento e de sobrevivência são, ainda que brevemente, retratadas nos três eixos de articulação que propomos a seguir.

Lembramos que a organização das narrativas e da escrita não visa restringir a dialogicidade e a perspectiva das existências trans, tampouco, dizer que as considerações perfazem um quadro genérico para todas as pessoas LGBTQIA nas escolas, nem mesmo apontar que todas as escolas são discriminatórias. Onde há tecnologias de poder, há sempre resistências construídas com negociações, correlações de força e jogos de sobrevivências que se retraem ou se expandem discursivamente!

Seguem, portanto, as considerações que podem ser apropriadas como registros das vozes das pessoas trans. Vozes que não se calam, que se conclamam, que vivenciaram violências generificadas e seguiram adiante reinventando, para si, modos de sobrevivência e reconfigurações de suas existências.

O ALINHAVO DOS RETALHOS NARRATIVOS

Retalhos são a parte por sobre a qual realizamos bordados, criamos colchas, *patchworks*, costuras e artes da existência. As narrativas que escolhemos são como esses pedaços de pano que precisam ser alinhavados para terem sentido ou para se buscar as trajetórias de vida das pessoas, a constituição de suas existências, de suas vontades ou de seus percalços.

O trabalho de produção de retalhos narrativos requer reconhecimento e a produção de um espaço de escuta (BUTLER, 2015). Nesse espaço, buscam-se as falas de si, as confissões e os silêncios; buscam-se as negociações com os processos discursivos e de invenção das verdades que nos constituem.

No trabalho de alinhavo, os corpos dos pesquisadores se hibridizam aos corpos das pessoas que narram e performam uma produção conjunta, tênue, com vozes que se misturam e se espaçam. Enfim, os corpos que narram e os

corpos que escutam fazem uma junção para visibilizar histórias que se perdem em meio às histórias hegemônicas, eleitas, consideradas normais e dignas de serem contadas.

Essa perspectiva, se a podemos chamar de metodológica, aproxima-se daquilo que Margareth Rago (2013) chama de *heteroautobiografia*. Sendo um movimento aberrante, desajeitado, vai para todos os lados e não vai a nenhum, é nômade. *Hetero* à medida que dois corpos distintos se encontram; *biográfica* à medida que um dos corpos narra suas vivências, (des)(re)memora-se constantemente, busca lugares, espaços-tempo, sentimentos, odores, temperaturas, para se (re)contar. *Autobiográfica* porque à medida que aquele que ouve, que reconhece o outro, cria um espaço de escuta e permite a mistura dos dois corpos que se encontram, ou seja, registra! Em suma: *heteroautobiográfica* porque ambos (des)(re)memoram suas vivências, reconhecem-se juntos, escutam-se juntos, escrevem juntos, produzem juntos os retalhos a serem alinhavados pelos fios de suas existências (RAGO, 2013).

Nesse narrar-se, enunciam-se e se presentificam as experiências das pessoas, evidenciando as marcas deixadas nos encontros com o poder, bem como as negociações e os embates entrelaçados às tomadas de decisão e às vivências. Não vemos esses retalhos como a produção de uma história linear, oficial, mas, como uma história cíclica de (des)(re)presentificação, um processo de (des)(re)subjetivar-se para reconhecer que as marcas deixadas nas trajetórias de vida que compõem subjetivações, refazem-se no processo do narrar-se, do relatar a si (BUTLER, 2015; RAGO, 2013).

Desse modo, o narrar a si cria retalhos que relatam os encontros com as tecnologias de poder. Essas consistem em técnicas que reivindicam estatutos de produção de verdade para a governabilidade dos corpos. Regras de conduta, dispositivos curriculares, dispositivos discursivos, modelos de sexualidades, papéis determinados para os gêneros podem ser, por exemplo, vistos como tecnologias pelas quais o poder cria e atravessa os sujeitos.

Já as tecnologias de resistência são aquelas que permitem às pessoas efetuar certo número de operações, negociações e transformações para se quebrar os mecanismos ordenadores das normas. Novas maneiras de agir,

assuntos que entram na escola pelas vozes de seus alunos, contraditórios, sexualidades dissidentes, manifestação de códigos de gêneros não binários exemplificam, por assim dizer, as resistências que operamos para negociarmos com as tecnologias de poder que incidem sobre nós (FOUCAULT, 2015; 2014).

Ao nos inclinarmos para a escuta do Outro, ou seja, para alinhar os retalhos das vozes nessa *heteroautobiografia* que empreendemos, buscamos a presentificação de narrativas não convencionais, pouco ou quase nunca demarcadas nos registros oficiais dos espaços escolares, e que expõem as vivências de estudantes universitárias trans, auto identificadas como LGBTQIA e matriculadas em cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Maringá.

As licenciandas foram selecionados por conveniência, em grupos de estudo relacionados à temática de gênero e sexualidades, aos movimentos sociais estudantis e por indicações de colegas. Enviamos convites agendando as conversas na Universidade tanto pessoalmente, quanto por redes sociais, garantindo o anonimato com base no Termo de Consentimento Livre Esclarecido⁴, que continha os preceitos éticos da pesquisa e o roteiro com questões guias, abertas e direcionadas a nortear suas narrativas de vida. Os diálogos foram audiogravados, transcritos e somados às notações do caderno de campo, especificamente para o registro das percepções e das sensações pessoais de cada participante na pesquisa (RAGO, 2013; CANTANI, 2006).

As perguntas para as conversas centraram-se em torno da narrativa de si, das histórias de vida dessas pessoas durante a educação básica e superior e como a composição identitária influenciava o trânsito no percurso escolar.

As narrativas são os retalhos presentificados como a constituição das pessoas trans nas escolas. Estão organizados em fragmentos, alinhavados com base nas teorizações de Michel Foucault (2015; 2014; 1996; FISCHER, 2001), na perspectiva *heteroautobiográfica* (RAGO, 2013) e nas interpretações discursivas que fizemos dando corpo a duas estudantes.

⁴ Aprovação no Conselho de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UEM, nº CAAE 55404015.5.0000.0104. Utilizamos nomes fictícios para se preservar as pessoas participantes na entrevista.

Melissa apresentou-se como uma mulher negra, trans, pobre, licencianda em Pedagogia. Com apegos experienciais e afetivos por sua cidade de interior, ofereceu-nos o relato de suas estratégias criativas e de resistência nos embates com as tecnologias de poder presentes nas escolas. Luana identificou-se como uma mulher trans, branca, não binária que “[...] assimila signos femininos ao invés de masculinos” sem julgar a masculinidade ofensiva, mas, conforme explicou, por preferir a referência de feminilidade como uma questão de ordem pessoal; nesse borramento de fronteiras generificadas, ela demarcou sua trajetória a partir de seu reposicionamento como licencianda em artes cênicas.

OS ENCONTROS COM AS VIOLÊNCIAS

Quando uma tecnologia de poder torna-se violenta?

Nas teorizações de Michel Foucault, o poder é compreendido como um exercício imanente, que não se dá de forma verticalizada, tampouco é característica de um Estado, dos ordenamentos jurídicos ou das instituições hegemônicas. O poder é um fluxo entre as pessoas que são inventadas pelos saberes, governadas por técnicas específicas, praticantes de auto-governo e constituidoras de técnicas que estabelecem práticas de si e direcionadas às outras pessoas. Barrar esse fluxo, segundo o filósofo, é estabelecer um ato de violência e arbitrariedade, pois, as pessoas acometidas por violência não exercem, não negociam e nem se apropriam dos dispositivos de poder.

Em nossos encontros com as pessoas trans, uma de nossas principais preocupações foi “Quando a tecnologia de poder torna-se violenta?”. Nesse sentido, poderíamos traduzir esta pergunta em “Quando a tentativa de formatar corpos, normatizando-os, torna-se uma violação?”.

No âmbito subjetivo que aqui preservamos, Luana sugeriu-nos que a violência consiste em “[...] qualquer ato que impeça eu mesma ou qualquer outra pessoa de exercer qualquer tipo de liberdade [...], mesmo as mais sutis [...] como um sorriso irônico”; Melissa destacou violências como processos de

abalo: “[...] ferir o outro, eu chego e agrido você, corto sua cara [...], trato o outro ou a outra, como ‘à um travesti, um traveco’, ‘a ela não é menina por que não tem vulva’, [...] nos abalam”.

De acordo com o apontamento dessas falas, as violências poderiam ser lidas como correntes que cerceiam as liberdades, os modos de ser, estar, viver e existir. Vistos também como a expropriação de identidades e marcações deixadas nos corpos, como, por exemplo, o ato simbólico de cortar o rosto de alguém – aquilo que lhe confere autoria e identidade. Assim, podemos compreender a violência como uma ferramenta alinhada à subjugação, à marginalização, à segregação e à inferiorização, responsável por deixar marcas indeléveis no outro, mas que pode passar despercebida, caso se encontre naturalizada nas relações de dominação ou em agressões que operam no nível simbólico (BOURDIEU, 1999).

Nesse tocante, trazemos neste manuscrito uma tecnologia de poder que marca as violações do eu, destacadas de formas diferentes, nas falas de Melissa e Luana, sendo uma: “tecnologia das expectativas”. Consideramos tecnologia como um modo de produção atravessado por um quadro de referências (FOUCAULT, 2015; 2014) e expectativas como algo que é passível de acontecer em um dado espaço-tempo. Assim sendo, a tecnologia das expectativas consistiria em um modo de produção de saber-poder que considera o que um sujeito pode, como ele pode pensar-se, produzir-se, imaginar-se...

Melissa, em sua narrativa, apresentou-nos indícios de como essa tecnologia foi capaz de violá-la:

Não é uma história, história, história, mas é... O povo da cidade da minha mãe pensava em relação a mim, ‘ah é um viadinho, quer ser mulher, nunca vai conseguir nada na vida’, [...] uma marcação sabe, de que eu nunca vou ser ninguém, ficou muito marcado em mim. [...] ‘É sempre você não vai ser ninguém, vai ser drogada, vai viver na delegacia’, eles diziam.

As expectativas de Melissa foram, de certa feita, esvaziadas pelos membros da comunidade escolar de um colégio público localizado na cidade

onde residiu. Pautando-se em caracteres identitários de desvio de conduta em relação a um quadro de referências (cis)heteronormativo, Melissa foi posicionada em alinhamento à criminalidade. Percebemos que seu corpo foi associado à drogalização, ao crime e à prisão.

Enunciados discursivos de veiculação jornalística, por exemplo, quase sempre apresentam as pessoas trans localizadas em espaços de prostituição e de uso de drogas – seus corpos são sempre construídos como corpos com potencialidades criminosas. Pensando nesses artefatos culturais, que criam representações e sujeitos, as expectativas das trans são expropriadas, visto que seus corpos já se encontram posicionados e atravessados pela consideração e pelas conexões discursivas dos manuais de saúde, que recorrem ao dispositivo médico-biológico para compor o corpo dissidente como acometido por transtornos mentais⁵, ou, ainda de legislação que se pauta pelo discurso jurídico-legislativo, a exemplo, o plano de combate às pessoas travestis instituído durante os anos de Ditadura Militar no Brasil (BRASIL, 2014). Argumentos biológicos e jurídicos são sempre veiculados pela grande imprensa e arregimentam a opinião de populares nem sempre informados sobre saúde, condições de vida, precariedade, expectativas e alternativas para as pessoas trans.

Discursos de corpo transtornado mentalmente e potencialmente criminoso perfazem um dispositivo de sexualidade, posicionando, compulsoriamente, as pessoas trans em espaços onde lhes cabem somente o não. Por esse prisma, o expropriado de Melissa, conforme aponta sua fala e no tocante a uma “tecnologia das expectativas”, consiste na não possibilidade de ocupação de um espaço de poder – e até mesmo de uma vida passível de ser vivida nas relações sociais pelas quais que a educação básica é acesso e qualificante das pessoas.

Assim, a “tecnologia das expectativas” não esgota sua possibilidade de pensar em um futuro, mas a direciona, ou melhor: se consubstancia num discurso que a fez rumar, colar-se na perspectiva de um futuro nas ruas, nas drogas, no crime e/ou na prisão. Essa proposição a violentou como ser

humano, posicionando-a e fixando-a em uma posição de sujeito e a uma identidade atravessada por sistemas de exclusão.

Vale pontuar que, para Michel Foucault (2014), o sistema de exclusão consiste na produção de outro espaço (o da negação) oferecido aos corpos desviados, visto que a norma necessita do “desvio” para manter-se como norma. Sendo assim, cria-se, socialmente, espaços de enclausuramento desses corpos trans, que são, por mais paradoxal que possa nos parecer, substratos para manutenção da norma. Corpos trans não devem perturbá-la. Corpos trans são trancafiados ou autorizados a transitar apenas em determinados horários. Corpos trans são invisibilizados para que tudo, na sociedade e na escola, pareça normal.

Luana, todavia, apresentou em seus relatos as expectativas referentes ao seu percurso na educação básica, em um colégio privado, coordenado por freiras:

Minha mãe dava aula no colégio que eu estudava. Também todos os meus irmãos estudaram no colégio que eu estudei e eram bem mais velhos; minha irmã tipo 8 anos e meu irmão, tipo, 12 anos, eram mais velhos. Eles todos passaram na UEM, meu irmão fez psicologia, então eles eram muito bons. Eu já era péssima, detestava e odiava ir para escola, era uma aluna medíocre, não tirava notas boas, não fazia tarefa. E eu sempre fui comparado com eles e com a minha mãe. Então, até o ensino fundamental I, porque eu me via, hoje eu me vejo, como uma criança muito assexuada, muito tranquila, então você brincava normal com seus amiguinhos e suas amiguinhas. Já no ensino fundamental II, você começa a se anular assim. Eu mesmo não consigo lembrar de nada particularmente meu, não lembro do que eu gostava de comer, o que eu gostava de beber, o que eu gostava de assistir, nada. Um espaço em branco na minha vida, porque eu me anulava muito. Eu ainda estava naquela de querer preencher os espaços que meus irmãos deixaram assim. Uma das poucas que eu tenho do fundamental II, na quinta ou sexta série, eu tinha tirado uma nota baixa em matemática e eu chorava desesperadamente, e a professora falava que não precisava chorar assim. O problema não é se eu precisava ou não chorar assim, o problema era eu tirar uma nota baixa, como eu podia se meus irmãos só tiravam nota alta. Então, eu acho que nesse período, até chegar no ensino médio, que foi quando eu comecei a

⁵ Tal referência é mobilizada pelo Código Internacional de Doenças- CID10 F64 – Referente ao transtorno de identidade sexual.

pensar como eu era e não como eu era visto, eu achei muito complicado pensar em expectativas que não eram minhas, eram as expectativas dos outros. E em pensar nessa experiência eu era muito anulada assim. Eu não lembro de fazer o que eu gostava, de fazer as coisas por mim mesmo. Eu fazia o que minha mãe gostava, o que meus professores gostavam. Quando eu lembro dessa época, eu vejo uma bolhazinha, eu na sala com essa bolhazinha e eu ficava a garota da bolha.

Se Melissa, ao se narrar, considerou que as expectativas do mundo para ela seriam a de “nunca ser nada na vida”, Luana, com atravessamento de classe social mais confortável, afetou-se diferentemente com a expectativa concreta(da) de seguir o lastro e de ser igual aos seus irmãos. A leitura que a coordenação escolar fez de Luana, por meio da “tecnologia das expectativas”, produziram um autogoverno pautado no ter uma carreira de sucesso baseadas nos caminhos, gostos, vontades e desejos que seus irmãos, cisnormativos, tiveram como exemplo de sucesso. Percebemos que seu espaço não é o de um enclausuramento, situado em um sistema de exclusão (FOUCAULT, 2014), mas, sim, o espaço necessário do adequamento rigoroso de suas condutas para que ela ocupasse o espaço lhe reservado, ou seja, aquele pautado no sucesso profissional e de ser um aluno (e não uma mulher trans) “exemplar”. Esse é exemplo da criação de um sistema de inclusão para se segregar, para se adequar às normas vigentes e domesticar os corpos que resistem às imposições do sistema.

Se o corpo de Melissa não importa – devido ao fato de ser negra e pobre, o corpo de Luana – branco e de classe média, importa tanto, que todas as técnicas necessárias foram acionadas para que ela caminhasse nos trilhos de seus familiares. Assim, as tecnologias de poder e de expectativa, violaram Luana a ponto de expropriar-lhe outra coisa, que não a perspectiva, mas, sim, seus desejos, suas memórias, a possibilidade de suas amigas “[...]irem em casa”.

Em Melissa, portanto, o (c)istema escolar retirou-lhe a possibilidade de ter um futuro e a ocupação de espaços de poder. Em Luana, vemos o relato de discursividades que a impediram de ter desejos, anseios e memórias,

imputando apenas uma trajetória de “sucesso” para fazer jus aos percursos que lhes foram imputados como modelos. . Melissa teve a expropriação de suas perspectivas futuras; Luana a de suas perspectivas passadas.

MODOS DE EXISTÊNCIA (TRANS)AFIRMATIVOS

Se considerarmos os mecanismos de poder na esteira de Michel Foucault (2015; 2014), compreenderemos que esses abarcam modos de produção nas malhas das relações de saber-poder-verdade. Nos mecanismos que produzem modos de ser, estar e existir, saber-poder-vontade são produtores de existências. O poder possui sempre operantes ativos ou reativos, positivos ou negativos – ou seja, modos que agem ou que reagem, modos que “dizem Sim” ou modos que “dizem Não” ao Outro, as possibilidades de ser, estar e existir (NIETZSCHE, 1974; DELEUZE, 1976; FOUCAULT, 2016). Os operantes das violências consistem em modos de agir e quadros de referências reativos e negativos, que reagem negando as diferenças e estabelecendo atos de violação separadores do corpo daquilo que ele pode.

Nesse tocando, ao tratarmos a “técnica da expectativa” como um agir que viola Melissa e Luana, percebemos essa tecnologia como uma tentativa de esvaziar as potencialidades de seus corpos, dizendo não à possibilidade de Melissa desejar ocupar um espaço de poder no futuro; dizendo não à possibilidade de Luana ser diferente de seus familiares. São discursividade depotencializadoras que submeterem e convidaram Melissa e Luana comporem ressentimentos.

Todavia, numa ética afirmativa da existência, Melissa e Luana constituíram negociatas, deslocaram e criaram fraturas, rupturas no quadro de referências negativo ao se confrontarem com as tecnologias de poder e de expectativas que atravessaram seus corpos.

Melissa nos relatou, por ocasião da conclusão de sua graduação que, ao pegar seu diploma, sentiu um sentimento de resistência. “[...] Naquele dia de abril de 2016, eu pensei muito no povo de lá”, e que todas as violências voltadas para seu corpo, dentre elas a “[...] marcação de que não seria

ninguém” foram o que a impulsionaram: “[...]terminar o que terminei”. De acordo com sua observação, todos os embates enfrentados no espaço escolar, deram-lhe uma visão.

“Se para eles era negativo, era satisfatório falar aquilo para tentar me desestabilizar, para mim foi positivo para eu tentar estudar, me formar e conseguir meu diploma”.

Enquanto seus professores eram “tô nem ai, quer estudar estuda”, conforme apontou, os poucos “apoiadores [...] pois não aguentaria tudo sozinha”, auxiliaram-na quanto a transformação negatividades que foram lançadas sob seu corpo em afirmação. Melissa negociou com as relações de poder. Disse sim e, arduamente, foi buscar sua formação em pedagogia e hoje é professora.

A sua graduação a levou a retornar os espaços escolares que a marcaram. Agindo pedagogicamente, ela assumiu uma vontade de potência constatando: “Eles precisam de uma pedagoga que vai falar que vai ter discussão de sexualidade no espaço escolar”, lembrando que outros corpos necessitam que suas expectativas não sejam expropriadas.

Logo, as linhas de força e potência que levaram Melissa a uma atividade positiva, ou seja, a dizer sim, centram-se na uma afirmação de si, de se reconhecer em uma composição identitária diferente e de bradas contra outra que a fez lida como “desviada”. Melissa desenvolveu mecanismos para que seu corpo e os corpos de sujeitos semelhantes não fossem também violados nesses tempos nos quais “[...] perdemos políticas afirmativas”. Ela lembrou – dos Planos de Educação e dos embates com as tecnologias de poder que a levaram a “[...] bater de frente e desenvolver suas políticas afirmativas no chão da escola”.

A tecnologia de resistência que Melissa desenvolveu no encontro com as “tecnologias das perspectivas” consistiu em ocupar o espaço de poder que lhe foi, anteriormente, negado, em sua escolarização.

Luana apresentou uma ação diferente. Ela desenvolveu sua tecnologia rejeitando o lugar que lhe foi atribuído. Se os irmãos de Luana eram

considerados exemplos pela comunidade escolar, ela passou a ser uma “péssima aluna, que detestava, odiava ir para escola, era uma medíocre, não tirava boas notas, não fazia tarefa”. Se alguém ria de sua figura, ela olhava “muito cínica [...] sempre muito afetada”. Luana, em seu primeiro movimento para tornar-se afirmativa, para si mesma, torna-se negativa, tóxica, agressiva; ela precisa, inicialmente, dizer não a tudo que a aprisionou e lhe fez mal (NIETZSCHE; 1974; DELEUZE, 1976). De sua reatividade negativa, do lugar de fala de seu não, ela contestou quem lhe disse não poder ser desse ou de outro jeito; ela contestou o modelo de família nuclear, dizendo sim à sua potência irônica e resistente.

No que a escola lhe fez mal, ela passou a querer “[...]distanciar disso”. Se exigiram que Luana fosse uma aluna exemplar, sentada em fileiras, utilizando uniformes e dentro da normatividade, ela preferiu ir à escola “[...] sempre bem emperquitada, com anel, corrente [...], um tênis vermelho e outro roxo”. Se quiseram que Luana dormisse no “[...] dormitório masculino” durante as viagens”, a mesma forja idas para “[...]o dormitório feminino, [...] acorda cedo [...] e retorna ao masculino”. Luana agiu e revidou contrariamente aquilo que ela considerou que a prendesse, que lhe fosse violento, deixando de se anular, ainda que por atitudes tempestivas e combativas, para firmar a si e se expressar, burlando as regras escolares, reinventando modos de ser trans afirmativos.

Nesse sentido, Luana operou pelo que Nietzsche (1974) e DELEUZE (1976) tratariam como a uma “virtude”, um fazer nobre, um afirmar-se, um dizer sim para suas batalhas e seus valores, buscando uma estética da existência. Podemos compreender que esses valores não são mantidos apenas por lutas, mas por constantes exames de si, (NIETZSCHE, 1974; FOUCAULT, 2015), canalizando o negativo para expurgar as agressões violentas direcionadas às pessoas no intuito de mantê-las acorrentadas a um espaço e a um modo de expressar suas personalidades.

(DES) CONSIDERAÇÕES

Guiamo-nos sob o questionamento “Que perceptos de violências atravessam e compõem um corpo trans nos espaços de ensino e refletem sobre suas perspectivas?”. Buscamos então produções narrativas de dois corpos trans, Melissa e Luana, que nos compartilharam suas histórias de vida, atravessadas pelas tecnologias de poder e de resistência que deixam marcas em seus corpos e suas subjetividades.

Buscamos, assim, explicar uma das tecnologias que fizemos ver, ouvir e sentir nos retalhos narrativos produzidos por Melissa e Luana, a “tecnologia das perspectivas”. Evidenciou-se que essa opera pelo posicionamento de poder e expropria a perspectiva dos sujeitos.

De Melissa foi expropriada a possibilidade de ter uma perspectiva de um futuro em que fosse possível ocupar um espaço de poder; enquanto de Luana foram expropriados os desejos, as sensações e, até mesmo, as perspectivas do passado – do volver o olhar para sua memória e de lembrar do que gostava, o que queria e o que fazia durante sua trajetória escolar, sendo oferecido em troca uma trajetória de “aluno exemplar” espelhada em seus familiares.

Nesse encontro com os poderes, algumas tecnologias de resistência podem ser desenvolvidas.

Melissa transformou toda a expropriação das perspectivas futuras em impulso para o agir positivo, para o “Dizer sim” a si e ocupar um espaço de poder, quer seja, conquistar um diploma de pedagogia e retornar aos espaços escolares. Luana reage quebrando as correntes que a colocavam em um espaço fixo predestinado pelos familiares. Disse sim, reagindo a qualquer tentativa de violação e acorrentamento de seu corpo LGBTQIA.

Essas histórias, assim como os fragmentos destacados neste texto, não são memoradas nas escolas. Há um silenciamento e uma inviabilização dos corpos trans pela norma – chacotas, embotamentos, bullying, adequações, códigos de comportamentos repressivos, apagamentos curriculares das histórias trans são violências simbólicas sofridas. As violências físicas operam

por essas e por outras agressões naturalizadas que se direcionam a deixar nos corpos as marcas de ódio e intolerância.

Nesse sentido, quando a “tecnologia de perspectivas” é lançada sob um corpo trans, ela tem distintos efeitos de expropriação. No entanto, esses corpos encontram modos distintos de resistir e que podem convergir a uma ocupação dos espaços que lhes são negados.

O custo, porém, é alto às pessoas trans; lembremos: de certas violências decorrem perdas emocionais e de vidas. Educar é preciso.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE – **Relatório**: textos temáticos. Brasília: CNV, 2014

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica à violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

_____. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Orgs). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

CATANI, Denice Barbosa. Autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In SOUZA, E.C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs) **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EdiPUCRS, p.77-87, 2006

COLLING, Leandro. O que perdemos com os preconceitos? **Revista Cult**, 202, ano 18, p. 22-25, 2015

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise de discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, (114), p.197-223, 2001

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, p. 55-86

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015

_____. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão.** 42 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas.** São Paulo: Abril Cultural, 1974

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Unicamp, 2013